

DESAFIOS À HEGEMONIA DOS EUA

Em um mundo multipolar, os EUA intervêm na Venezuela para conter a presença chinesa, russa e iraniana, sinalizando possível acordo com Putin sobre esferas de influência globais, com sérias implicações geopolíticas para a Ucrânia.

Gabriel Camilli*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

O fim da ordem bipolar da Guerra Fria não inaugurou uma nova era de paz e cooperação sob o autoproclamado líder da democracia liberal; pelo contrário, representou um retorno à antiga política das grandes potências: um mundo multipolar.

A intervenção dos EUA na Venezuela é mau presságio para a Ucrânia, em princípio, e para outras regiões do mundo. Diversos analistas sérios afirmam que as ações de Trump em Caracas podem sinalizar um acordo entre ele e Putin. Washington e Moscou podem ter dividido o mundo em esferas de influência.

O coronel austríaco Markus Reisner afirma:

“Os Estados Unidos estão fazendo o que antes acusavam os russos de fazer: criar

fatos consumados por meio de ações unilaterais. Com sua nova Estratégia de Segurança Nacional, os americanos estão esclarecendo como entendem a política ‘América Primeiro’ em termos de política de defesa: querem criar novas realidades por meio do uso da força militar. Trump justifica sua abordagem com a Doutrina Monroe do século XIX, que agora chama de Doutrina Donroe. Segundo essa doutrina, ele considera sua esfera de influência na América Central e do Sul como seu campo de atuação e define suas exigências em relação ao Hemisfério Ocidental.”

REPERCUSSÕES GEOPOLÍTICAS

Por outro lado, a Ucrânia pode enfrentar repercussões geopolíticas de grande alcance após o recente ataque dos EUA à Venezuela, incluindo a possibilidade de perder o acesso ao Mar Negro. Essa avaliação foi feita por Chas Freeman, ex-secretário adjunto de Defesa dos EUA para Assuntos de Segurança Internacional e diplomata veterano, durante sua participação em um canal do *YouTube*. Freeman argumentou que, em sua visão, a Venezuela não teria liberdade real para escolher sua posição no cenário global e estaria sujeita a imposições externas. Ele traçou um paralelo com o que descreveu como a abordagem da Rússia em relação à Ucrânia e sugeriu que essa lógica poderia ser aplicada de forma inversa. Ele afirmou que existe uma probabilidade considerável de a Rússia responder cortando o acesso da Ucrânia ao Mar Negro.

Tal cenário, alertou Freeman, redefiniria radicalmente o futuro da Ucrânia. Ele argumentou que, sem litoral, o país poderia ser relegado ao *status* de Estado periférico sem saída para o mar, dominado pelo ultranacionalismo e com poucos incentivos para Moscou buscar qualquer tipo de diálogo construtivo.

Todas as peças desse “quebra-cabeça global” estão interligadas.

Primeiro, a atenção da comunidade internacional está se desviando da Ucrânia e se voltando para a Venezuela. Segundo, no pior cenário, os Estados Unidos têm um interesse maior em encerrar a guerra na Europa às custas da Ucrânia, já que podem ter chegado a um acordo com a Rússia sobre a demarcação das esferas de influência. Trump pode ter concordado com Putin em dividir o mundo. Os Estados Unidos se concentrariam então na América Central (a “militarização” do Caribe é claramente visível hoje) e na América do Sul, e na periferia mais ampla, como a

Groenlândia. Não é coincidência que Trump e seus apoiadores tenham renovado sua reivindicação de controle sobre a Groenlândia. Isso, por sua vez, poderia encorajar a China a impor sua reivindicação sobre Taiwan pela força.

Segundo outros analistas, lemos: “*O que desencadeou a intervenção não foi o petróleo, mas a convergência operacional dos três principais adversários dos EUA — China, Irã e Rússia — no mesmo território: a Venezuela. A China havia assumido o controle da extração de minerais estratégicos (tântalo, cobalto, elementos de terras raras) diretamente nas minas do Arco Mineiro do Orinoco. Esses minerais alimentam a própria cadeia de produção de armas do Pentágono. A presença chinesa não era comercial: era operacional. O Irã havia instalado fábricas de drones militares com capacidade ofensiva para atingir a Flórida a partir do Caribe. Não se tratava de venda de armas: era uma indústria bélica permanente a 1.930 quilômetros do território continental dos EUA. E a Rússia havia mobilizado assessores militares, sistemas antiaéreos, radares e treinamento de inteligência. Um ecossistema de guerra eletrônica bem próximo de Miami. Isso não foi por acaso. Foi uma estratégia coordenada. Cada ator reforçou a presença do outro.*”

Outros fatores: Os Estados Unidos buscam o controle das maiores reservas de petróleo do mundo, que também desempenham um papel geoestratégico. A Venezuela é crucial para o fornecimento de petróleo da China. Uma quantidade significativa de petróleo venezuelano já foi vendida para a China, inclusive pelo Estreito de Malaca. Se, no futuro, o petróleo venezuelano for vendido exclusivamente para os Estados Unidos, a China ficará apenas com a Rússia como seu principal fornecedor. Isso aumentaria a dependência da China em relação à Rússia.

A REALIDADE PREVALECE

Os Estados Unidos podem ter percebido que não podem mais ditar unilateralmente as regras do poder neste mundo. Mas ainda aspiram a exercer domínio absoluto em certas partes do mundo. E na luta com outras grandes potências em um mundo multipolar, desejam, pelo menos, ter influência geral ou, se possível, definir a agenda; esse é o ponto crucial. Se os Estados Unidos se apegarem a essa estratégia, só intervirão militar e rapidamente se algo acontecer em seu quintal, no Hemisfério Ocidental. Em todas as outras áreas, aceitarão a hegemonia de outras potências. É

assim também que a referência de Trump à Doutrina Monroe deve ser entendida.

Para continuar a reflexão sobre o panorama estratégico global, agradecemos a contribuição do nosso colega Paolo Falconio:

“O intervencionismo atual na Venezuela não pode ser interpretado por uma ótica reducionista focada exclusivamente na dimensão energética. Embora o petróleo seja um elemento relevante no planejamento estratégico de Washington, ele não representa, pelo menos na fase inicial, a causa principal da ação militar. O elemento preocupante deve ser identificado com mais precisão na transformação progressiva da Venezuela, sob a presidência de Nicolás Maduro, em um centro geopolítico chinês no Hemisfério Ocidental, com uma presença estruturada de atores estatais e paraestatais de Pequim e Moscou. Essa configuração representa uma violação direta da doutrina de segurança tradicional dos EUA, que considera a América Latina uma esfera de influência privilegiada e inegociável. Se a causa imediata da intervenção é, portanto, geopolítica, a dimensão petrolífera adquirirá um papel decisivo na fase subsequente, ou seja, na definição dos cenários da ‘posição Maduro’ e na avaliação de uma possível continuidade da presença estratégica dos EUA no país.”

A centralidade do petróleo na política econômica dos EUA também foi amplificada pela estrutura financeira da economia americana. As flutuações no preço do petróleo bruto produzem efeitos sistêmicos imediatos, impactando a estabilidade do mercado e a competitividade do setor de petróleo de xisto, que só é economicamente sustentável se o preço por barril não se estabilizar abaixo de US\$ 60-61.

É evidente que a governança global do petróleo não é um elemento incidental, mas um fator determinante para a segurança econômica dos EUA. Nessa perspectiva, é difícil imaginar uma estrutura regulatória eficaz exclusiva da Rússia, um dos principais produtores mundiais, que não leve em consideração a dinâmica da OPEP+ (T. Mitrova e K. Yermakov, *Russia’s Energy Strategy in the Global Market*, Energy Policy, vol. 147, 2020).

A eventual integração da Venezuela aos Estados Unidos, mesmo antes de uma governança formal, tenderia a ter implicações significativas para os equilíbrios energéticos internacionais. Uma forte presença no país, ao menos no setor

petrolífero, permitiria a Washington influenciar diretamente a dinâmica entre os países membros e não membros da OPEP, transformando Caracas em um ator ideológico e uma plataforma funcional para a estabilização do mercado. Uma Venezuela integrada à sua atual estratégia energética poderia modular sua produção para atingir as metas de preço, contribuindo para reduzir a pressão sobre a OPEP+ e manter o preço do petróleo bruto em níveis compatíveis com a sustentabilidade do petróleo de xisto dos EUA (A. Goldthau e B. Sovacool, *Energy Security, Governance and the Global Energy Challenge*, Routledge, 2012).

SITUAÇÃO OPERACIONAL

Qual é a situação neste início de ano? A Ucrânia intensificou seus ataques aéreos. Segundo uma reportagem, a CIA tem fornecido apoio substancial à Ucrânia nos últimos meses. Isso parece ser mais uma tentativa de Trump de exercer pressão e influência sem intervir diretamente. A Ucrânia agora realiza ataques aéreos contra a Rússia quase diariamente, frequentemente com até 100 drones. Pelo menos, esses são os números divulgados pela Rússia. Os resultados ainda não são mensuráveis e não resolvem nada estrategicamente; apenas causam incômodo.

Moscou está acompanhando o ritmo. Os russos também intensificaram seus ataques. Desde o início de novembro, houve nove ataques aéreos intensos com até 600 drones. Alguns deles foram realizados nos últimos dias, cada um com até 200 drones. Kiev queria expandir a produção de drones interceptadores. No entanto, Moscou está começando a equipar seus drones com tecnologia que permite cegá-los. É um jogo de gato e rato. Isso demonstra a dificuldade que a Ucrânia enfrenta para neutralizar as defesas aéreas ucranianas.

Segundo fontes neutras, os russos ocuparam aproximadamente 5.000 quilômetros quadrados de território ucraniano no ano passado. Os russos reivindicam 6.200 quilômetros quadrados, enquanto os ucranianos reivindicam pouco menos de 4.000 quilômetros quadrados. No total, a Rússia ocuparia 116.165 quilômetros quadrados de território ucraniano (para se ter uma ideia, isso equivale aproximadamente ao tamanho de toda a província de Santiago del Estero).

Isso representa 19,25% do território total, ou um em cada cinco quilômetros quadrados. Se incluirmos as áreas cinzentas, o número é ainda maior. Trump

chegou a falar em até 25%. Portanto, os russos mantêm a iniciativa e estão avançando gradualmente.

CONCLUSÃO PARA HOJE

Pode-se dizer que os conflitos e lutas atuais podem ser explicados, em grande parte, como desafios à hegemonia dos EUA projetada internacionalmente, entrelaçados com interesses regionais. Na Ucrânia, vemos o antagonismo entre a União Europeia e a Rússia, ambos afetados pela crescente influência da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), e no Oriente Médio, onde Israel defende seus interesses contra o Irã. Recentemente, testemunhamos como os laços e a cooperação entre Estados antagonizados pela hegemonia dos EUA convergem na Venezuela, principalmente com o Irã, a China e a Rússia.

Esta intervenção não representa um retorno à ordem. É uma luta para adiar o colapso. Desde o congelamento das reservas russas em 2022, o mundo está em alerta. O dólar não é neutro. É uma arma. E se pode ser usado como arma, pode ser substituído. Esta medida dá tempo aos Estados Unidos, mas também envia uma mensagem a todos os outros países que consideram a liquidação em ouro ou alternativas ao dólar. O sistema é frágil. Tão frágil que agora exige força para se sustentar.

Publicado no [La Prensa](#).

***Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.
